

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO—José Vianna da Motta—Musica portugueza nos seculos XVI e XVII—Concertos—Notas vagas—D. Angelina Valadin—Noticiario—Bibliographia—Secção Litteraria: O mendigo.

JOSÉ VIANNA DA MOTTA

Nasceu na Ilha de S. Thomé d'onde veio para Lisboa com pouco mais de um anno de idade. Aos cinco annos começou a revelar a sua tendencia para a sublime arte de que hoje é tão illustre ornamento. Depois d'iniciado nos principios theoricos da musica por seu pae, encetou aos sete annos o estudo de rudimentos e piano com o fallecido professor Joaquim Francisco d'Azevedo Madeira, e harmonia com Francisco de Freitas Gazul.

A sr.^a condessa d'Edla e El-rei D. Fernando interessando-se por tão extraordinario

talento subsidiaram-lhe os estudos em Lisboa, enviando-o mais tarde para Berlim para completar a sua educação musical.

Aos doze annos terminava o curso de piano do Conservatorio e no anno seguinte, de 1881 dava o primeiro concerto no salão da Trindade, a que assistiram el-rei D. Fer-

nando e a sr.^a condessa d'Edla regendo Vianna da Motta uma marcha sua, executada pela orchestra da Associação Musica 24 de Junho: Em 1882 deu outro concerto, e de seguida partiu para Berlim, onde a sua

educação litteraria foi confiada ao Dr. Doebbelin, proprietario de um importante collegio d'aquella cidade, e a musical ao Conservatorio Scharwenka, onde estudou piano com Xavier, e composição com Philippe Scharwenka, alem da historia da musica e lingua italiana. Em 1885 foi para Weimar onde deu lições com Liszt, e tambem de contraponto com Müller Hartung.

Em Novembro deu o seu primeiro concerto d'artista em Berlim. Foi então que fez uma curta visita a Lisboa onde foi dolorosamente ferido

pela infausta morte d'elrei D. Fernando. Regressou a Berlim em 1886, então com a protecção do sr. infante D. Augusto, e continuou os seus estudos com Carl Schaeffer, e em 1887 com Hans von Bulow, em Frankfurt. Voltando a Berlim no inverno de 1887 — 88 começou as suas viagens de concertis-



ta, primeiro pelas cidades allemãs, depois pela Dinamarca, Russia, America do Norte, Portugal, França, America do Sul etc.

E' indisciplinavel o entusiasmo que causou em todas as cidades onde se fez ouvir. São d'isso prova as criticas musicaes de todos os paizes que percorreu.

Pianista eminente, é tambem compositor conhecido, não só entre nós como no estrangeiro, onde as suas composições foram ouvidas com applauso e receberam louvor da critica.

No perfil artistico de Vianna da Motta, pelo sr. Antonio Arroyo, lê-se o seguinte :

«Nas suas peças para piano Vianna da Motta empregou largamente toda a riqueza do seu virtuosismo de primeira ordem, mas sempre sem ultrapassar os limites do melhor bom gosto, como a critica allemã observou recentemente. As suas composições são sempre expressivas, quer quando dão a linha das elegancias mundanas, da graça e da alegria popular, quer quando sentimentos mais intensos se traduzem, por exemplo em paginas de sonho, *Oração da tarde*, ou nas suas *Rhapsodias*, tão ricas de cor, de movimento, de contrastes inesperados.

Mas tanto ahi como nas suas *Canções*, com palavras portuguezas, algumas das quaes são deliciosas traducções em musica, dos nossos melhores poetas, Vianna da Motta não revela completamente todas as faces do seu talento de compositor ; é um elegante, um decorativo, interessante e gracioso, ao mesmo tempo rico de effeitos de harmonia e contraponto, sabio na forma, e quasi sempre um lyrico fino e ingenuo, portuguez até á medulla dos ossos, a sua melodia facil e colorida tem leves tons de melancolia doce, ainda quando se veste de festa para as danças populares.

Ha ahi o que quer que é de feminino, ou de extremamente juvenil, que geralmente caracteriza todos os periodos d'iniciação, e depende da natureza e importancia dos assumptos tratados, e, um pouco, do meio a que elles se destinam.

Não assim, comtudo, em todas ellas, como nos cumpre observar.

Duas das suas obras mais importantes, *A' Patria*, Symphonia para grande orchestra, e o *Quartetto* para instrumentos de corda, dedicado a Moreira de Sá, merecem por isso especial menção ; porque não só definem por completo a esthetica do nosso artista, e as características capitaes do seu temperamento, como tambem nos manifestam largamente o seu processo, as formas d'arte de que procede, e a sua orientação technica.»

Vimos ha dias annuciado que o sr. Julio

Cardona — distincto professor do Conservatorio e regente da orchestra do Real Instituto — se propunha fazer ouvir a Symphonia de Vianna da Motta ; oxalá não desista do seu intento, e que o author possa ter o prazer de ouvir a sua composição, visto que o não poude ter quando Moreira de Sá a fez ouvir no Porto, por uma orchestra por elle organizada. Vianna da Motta é ainda professor distincto, tendo já a gloria de, pelas suas lições, crear algumas reputações artisticas que começam a evidenciar-se. Como escriptor e critico musical é tambem muito considerado na Allemanha, e as suas criticas muito respeitadas.

Foi o primeiro que com um exito extraordinario fez conferencias originaes sobre a estrutura e technica das obras de Wagner, primeiro em Braunschweig, e mais tarde em Heidelberg e Berlim, perante auditorios numerosos, analysando a lenda, o poema e a partitura, e executando ao piano as principaes scenas na sua relação logica com as respectivas situações do drama, seguindo os ouvintes estas explicações, nas partituras de que iam munidos. A revista wagneriana *Bayreuter Blätter* n'um dos seus numeros mencionou estas conferencias como um facto digno d'elogio, bem como util, e produzido no melhor espirito wagneriano. Eis a largos traços a individualidade de José Vianna da Motta, que pelos seus naturaes e extraordinarios dotes é hoje uma gloria artistica nacional, occupando um logar proeminente entre os primeiros musicos da Europa, e assim reconhecido nos principaes Centros musicaes dos dois mundos.



Musica portugueza nos seculos XVI e XVII ¹

(Continuação)

Ainda do seculo XVI nos resta uma missa e parte de outra, obras do insigne Manuel Mendes, fallecido em 1605. Encontrei-a n'um codice manuscripto existente na bibliotheca de Evora. Ha tambem na Sé de Lisboa um motete de Affonso Lobo, que foi mestre de capella na nossa cathedral até 1601.

Do seculo XVII temos mais consoladora abundancia.

Mencionarei em primeiro logar as «Flores Musicas» do padre Manuel Rodrigues Coelho, das quaes existe um exemplar em cada

¹ São necessarias as seguintes correções typographicas ao artigo precedente: «Coevo» deve ser «Coevas». — 1578 é a data da batalha de Alcacer Kibir.

uma das bibliothecas publicas de Lisboa e Porto, e outro na da Ajuda.

Impressa em Lisboa no anno de 1620, esta obra é do mais alto interesse, não só para a nossa historia artistica, mas tambem para a historia geral da polyphonia instrumental. Contém cincoenta e sete peças de musica, ou «tentos» como então se lhes chamava», para órgão, cravo ou harpa, escriptos no estylo contrapontistico floreado dos mestres flamengos.

Estava então proxima a época dos grandes cravistas, iniciada por Frescobaldi em 1615 e elevada ao apogeu por Domingos Scarlati. Mas o cravo não tinha ainda a importancia que depois adquiriu, e os bons compositores não lhe dedicavam exclusivamente os seus trabalhos. Por isso o padre portuguez escrevendo as suas «Flores musicas» para serem indistinctamente executadas no órgão ou no cravo, teve sobretudo em vista o primeiro d'estes instrumentos, como se reconhece pelo facto de serem destinadas ao serviço liturgico a maior parte d'essas composições.

E' esta circumstancia que dá maior valor á obra de Rodrigues Coelho; ao mesmo tempo que apresenta um notavel desenvolvimento na arte de trabalhar o contraponto para instrumentos de teclado, em geral, pertence ao periodo de iniciação d'essa arte destinada em especial ao cravo.

Outro interesse ainda mais a valorisa: é que ella, nos seus processos technicos, traz-nos involuntariamente á memoria, provocando curiosa comparação, o grande Sebastião Bach.

Com effeito, a arte suprema de Bach está allí esboçada; vêmos-lhe os traços fundamentaes, reconhecemos-lhe os germens que chegando ao completo desenvolvimento a cabo de quasi um seculo produziram as maravilhas architectadas pelo genial mestre allemão.

O padre Manuel Rodrigues Coelho foi portanto um dos precursores de Sebastião Bach, e o seu nome, injustamente obscuro, devia figurar com honra na historia geral da musica, a par dos Claudio Merulo, Gabrielli, Monteverde, Pasquini, Frescobaldi, Froberger, De Kerle e outros coevos.

Deveríamos consignar aqui outro livro compar das «Flores Musicas», se a nacionalidade do seu auctor não offerecesse du-

vidas ao escrupulo de extremar só o que seja genuinamente portuguez; é o «Libro de Tientos» de Francisco Correia de Araujo.

Consta tambem de uma collecção de composições, para órgão, identica á do padre Coelho e publicada um pouco depois, em 1626. Entre nós existem, que eu saiba, dois exemplares d'ella: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, outro na Bibliotheca Real da Ajuda.

Mas Correia de Araujo exerceu toda a sua actividade artistica em Sevilha, de cuja cathedral foi mestre, e não é incontestavel que tivesse nascido em Portugal, embora Barbosa Machado o affirme.

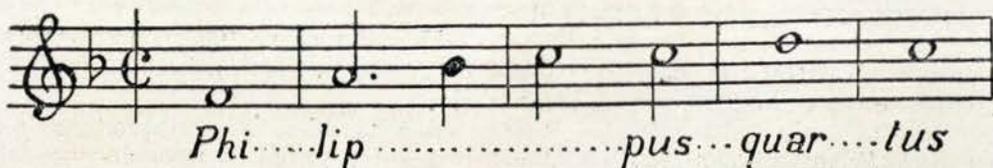
Mais authenticamente portuguezas são as obras de Duarte Lobo, mestre de capella na cathedral de Lisboa. E não só pertencem aos principios do seculo XVII mas sobem ainda ao precedente, pois que Duarte Lobo, ou *Eduardus Lupus* segundo a versão latina, começou a trabalhar no ultimo quartel de 1500.

Infelizmente, dos quatro livros que elle mandou imprimir em Antuerpia, na officina Plantiniana, ainda não vi senão um completo, que possui o sr. D. Duarte Atalaya; é uma collecção de missas a quatro, cinco, seis e oito vozes, além de duas antiphonas e dois motetes. Foi impresso em 1621.

No cartorio do Sé de Evora encontrei outro livro impresso de Duarte Lobo, mas de tal modo mutilado que não pude reconhecer qual seja. Mas na Sé de Lisboa guardam-se em manuscrito tres missas e duas antiphonas, assim como na bibliotheca de Evora ha um codice que contém uma missa.

São um pouco mais numerosas as obras que nos restam do grande musico carmelitano frei Manuel Cardoso. Pertence este tambem ao final do seculo XVI, pois que o começo da sua vida religiosa, coincidindo sem duvida com o desenvolvimento da vida artistica, data de 1588, anno em que tomou o habito de carmelita.

Possue a bibliotheca de Evora o terceiro dos quatro livros de missas que frei Manuel Cardoso fez imprimir em Lisboa, na officina de Craesbeck; este livro foi dedicado a Filippe IV em 1636 e contém a celebre «Missa Filippina, construida toda sobre este thema:



No archivo da Sé de Lisboa ha outro livro de frei Manuel Cardoso, impresso tambem n'esta cidade, officina de Lourenço de Anvers em 1648. Intitula-se «Livro de varios motetes, officio de semana santa e outras cousas»; é dedicado a D. João IV, contendo quarenta e seis composições diversas de musica religiosa a quatro, cinco e seis vozes. D'este mesmo livro existe outro exemplar, mas sem frontispicio, no cartorio da Sé de Evora onde tambem se guarda, egualmente sem frontispicio o primeiro livro das missas do mesmo auctor. Na Sé de Lisboa ha mais dois motetes manuscritos.

(Continúa)

ERNESTO VIEIRA.

CONCERTOS

A 2 de Maio, realisou-se na sala do Orpheon Portuense, o 4.º concerto historico de musica de rebecca, propaganda encetada e continuada com zelo, nunca demais louvado, pelo eximio concertista Bernardo Moreira de Sá, com o concurso da brilhante pianista, sua filha, D. Leonilda Moreira de Sá.

O programma constava de quatoze peças, sendo cinco de compositores nascidos no seculo XVII, quatro pertencentes a auctores do seculo seguinte, e as ultimas cinco composições de maestros do seculo passado. Entre os primeiros figuravam Haendel, Bach, e Tartini. Nos segundos Gaviniés e Viotti. E nos ultimos Bazzini, Geloso e Niels Gade.

D'esta interessante sessão retrospectiva faziam parte compositores italianos, francezes, allemães, húngaros, tchekes e dinamarquezes. O effeito produzido foi como era de prever altamente suggestivo e impressionante.

*

No domingo 11 ás duas horas da tarde, no salão do Conservatorio de Lisboa, teve lugar o segundo dos concertos de assignatura realisados pela Sociedade de concertos de canto, que como dissemos acaba recentemente de fundir-se com a Real Academia de amadores de Musica. Esta foi portanto a ultima sessão musical promovida pela Sociedade de canto como grupo musical autonomo.

O programma constou de trechos de canto a sólo, córos e peças instrumentaes, sendo estas executadas pela orchestra da Real Academia, as *Scènes pittoresques*, de Mas-

senet, que em abono da verdade já lhe ouvimos executar bem melhor, das *Czardas*, de Gung'l e *Marcha* de Kretschmer, cuja execução foi bastante satisfatoria, e da ouverture do *D. João*, de Mozart, á qual fazemos o mesmo considerando, algo attenuado, do que dizemos com respeito ás *Scènes pittoresques*.

Nos trechos de canto a sólo tivemos o prazer de ouvir a sr.ª D. Hermelinda Cordeiro no *cantabile* extrahido do famoso duo do 2.º acto do *Samsão e Dalila*, e na *Santa Maria*, de Faure, cuja voz de mezzo-soprano de timbre avelludado produziu o melhor effeito no auditorio, e n'uma aria de Marcello a sr.ª D. Rita da Silveira, amadora distincta que pode aspirar á interpretação de trechos de maior responsabilidade do que a aria um tanto *surannée* do velho compositor veneziano. Deviam ainda apresentar-se a Sr.ª D. Magdalena Cisneiros e o sr. Thomaz Lima, mas que por qualquer impedimento, não compareceram.

O maximo interesse do concerto concentrava-se nos córos, em numero de seis, sendo tres de Cesar Cui, compositor russo, dois de Chaminade, e o ultimo uma habil transcripção operada pelo maestro Sarti na celebre melodia *La Fileuse* de Mendelssohn. Este ultimo, bem como os de Chaminade: *Pardon Breton* e *Noel des marins*, e um de Cui: *Le Mois de Mai*, agradaram muito e tiveram honras de *bis*.

Nos córos tomaram parte dezoito senhoras, sendo doze contraltos e meios sopranos, e seis sopranos, o que dava já de si uma desproporção flagrante ainda muito aggravada pela circumstancia de que os sopranos, alem de poucos, pareceram-nos ou receosos ou fracos em demasia, salvo duas excepções, para poderem arcar com a força imponente e bellissima do outro coro, composto de vozes seguras, fortes e pastosas. É de suppor que tivessem faltado alguns elementos importantes do naipe dos sopranos pois que nos concertos precedentes da Sociedade de canto, nunca encontramos a desproporção desigualissima a que agora alludimos.

Prestou o seu amavel concurso no órgão nos dois córos de Chaminade o distincto professor Affonso Gaupin de Sousa. Os sólos que existem nos mesmos córos foram desempenhados pelas Sr.ªs D. Maria d'Alarcão e D. Rita da Silveira.

*

Hontem, 14, realisou-se o concerto annual do concerto Sarti, no Salão do Conservatorio.

A antecedencia com que tem de ser composta a nossa folha impede-nos de noticiar

o que se passou n'este concerto, o que faremos no proximo numero muito gostosamente. Limitamo nos portanto a dizer que tomaram parte no programma em solos de canto as sr.^{as} D. Clara Sarti, D. Bertha Dau-pias e sr. Pinto da Cunha, José de Moraes e José da Costa Carneiro, este ultimo apresentando-se pela primeira vez publicamente como cantor—um coro de senhoras composto de 26 vozes—e o eximio violinista Francisco Benetó, que executou dois trechos, um de Vieuxtemps e outro de Hubay.

*

Esta quinzena foi relativamente escassa de movimento musical A que se segue promete ser bem mais interessante, pois que podemos dar noticia, desde já, do concerto da Escola de Musica de Camara que terá lugar amanhã, 16, no salão do theatro de D. Maria; do de Vianna da Motta, esperado anciosamente, e que será o acontecimento maximo da epoca, e ainda um outro do Real Instituto de Lisboa que cremos se realisa a 25 de Maio.

Damos em seguida o magnifico programma do Concerto de Vianna da Motta, exclusivo de peças de piano, e que tem lugar ás 9 horas da noite de 22 de Maio, no Salão do Conservatorio de Lisboa. Eil-o :

Toccatá de órgão transcrita para piano.....	<i>Bach-Busoni</i>
Preludio-Adagio-Fuga	
Concerto, sem orchestra (dos estudos op. 39)...	<i>Alkan</i>
5. ^{mo} Nocturno.....	<i>Sgambati</i>
Barcarolle	} <i>Chopin</i>
Estudo em terças op. 25..	
Polonaise em la bem. op. 53)	} <i>Liszt</i>
Fantasia sobre o Propheta.	



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXXVII

De Lisboa

Mez de maio, mez de maio, tu não estás sendo talvez como muitos te sonhavam e como tantos te desejam, pois continuas fazendo-nos lembrar mais o inverno que o verão ; mas não sejamos ingratos, minha amiga, porque se em verdade ainda o frio nos arrepele os nervos e o vento nos açouta as faces, um ou outro dia surge, perfumado e lindo, cheio de sol, cheio de aromas, cheio de encanto, convidando-nos a mergulhar a vista pelo céu sem nuvens, pela terra sem negrúmes ; e, enquanto a paisagem rumorante e fresca docemente se embebe em

luz, na propria alma uma outra ideal paisagem como que desperta e canta, levando-nos por um momento a esquecer as tristezas varias que pela vida andam a espreitar e a perseguir a gente...

Além de que, aqui e ali, uma exposição de rosas ou de quadros, uma noite de zarzuella ou de opera, uma sessão de esgrima ou uma audição de musica, mais ou menos nos vão esmaltando as horas e preenchendo os dias...

Falando de rosas, conhece V. Ex.^a exemplares formosos d'essa flôr rainha que nós não sabemos ainda se é um sorriso se uma lagrima celeste, a corporisação emfim de um bello sonho que Deus sonhou para nós ; mas sempre lhe citarei uma certa *Francis Dubreuil*, escarlata, com petalas de setim, uma *Grace Darling*, clara como uma aurora e fresca como uma virgem, ou aquella *Jaqueminot* veludinea e leve, a *Roger Lambanc*, de um raído estranho, e essa *Martha Dubourg*, d'um tom de perola que positivamente fazia lembrar carne feminina, delicada e tenra...

Em quadros, varias e encantadoras paisagens de Carlos Reis, uma deliciosa cabeça de Malhõa, dois poderosos retratos por elle e por Salgado, um de Raul Brandão assombrosamente fixado por Columbano, e disseminando-se nas tres ou quatro salas da Academia paisagens, marinhas, retratos, episodios d'estes mesmos pintores e de mais dois ou tres, alguns momentos nos aqueciam o coração e prendiam o olhar...

E ia-me esquecendo um lenço de renda, estylo moderno, delineado e dirigido por essa grande artista que se chama D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, gloriosa senhora que tão brilhantemente sustenta e enriquece o nobre e assignalado nome que usa, bem como igualmente me escapavam os dois baixo-relevos, modelo em gesso dos que em pedra fazem parte do monumento a Affonso de Albuquerque, e onde transparece e palpita o luminoso e levantado talento de Costa Motta, esse esculptor tão simples como tenaz, tão progressivo como sincero, que agora mesmo obteve um novo e assignalado triumpho moldando n'um minuto de inspiração a imperecível figura de Sousa Martins, o saudoso e estremecido morto.

Sei bem, minha senhora, que em materia d'arte, não posso ter a pretensão de deslumbral-a enumerando-lhe primores de cá, porque não muito longe d'essa quieta estancia onde vive, ella, a grande Arte, pompeia deslumbrante e victoriosa, enchendo de clarões potentes os ambitos d'uma grande nação ; quer-me parecer, comtudo, que dada a lamentavel e quasi geral phase descen-

dente em que ora vamos, os artistas são ainda dos poucos que nos salvam d'um descalabro completo, e ao lado d'aquelles que ataz citei um pedaço de téla que Vaz cobriu ou um bloco de marmore que Teixeira Lopes afeiçoou, sem duvida mereceriam até nos centros cultos as atenções da critica e a consagração do publico.

Quer-me mesmo parecer que n'este especial districto, ainda poderemos contar como sendo alguém, que no resto, querida amiga, não andamos fazendo uma figura muito apresentavel—antes pelo contrario...

Por desgraça, até nem é possível generalisar o louvor a todas as demais condensações da belleza esthetica, que é o que vem a representar em resumo cada ramo d'arte, porque, — com magoa o verifiquei, ha bem poucas horas até, saindo d'um d'estes tão interessantes, tão pittorescos, tão nacionaes espectaculos com que a companhia hespanhola de Nadal nos regala ha duas semanas, — em identico assumpto, por exemplo, mal conseguimos organizar a serio repertorio e pessoal que assegure a existencia desembarçada de um só theatro de opereta portugueza,—um só que seja...

E áquelles dos meus conspicuos compatriotas, que não raro alludem á decadencia da Hespanha, dando a entender que nós lhe estamos superiores, apenas aponto este facto entre muitos, denotando que essa pretendida superioridade deixa algo a desejar—para não dizer—deixa tudo...

Felizmente que nem todos desesperámos já, e que talvez amanhã nos salve o excesso do proprio mal.

E' já sabido o asserto que os povos, como os individuos, precisam ás vezes que o infortunio os apalpe e que a adversidade os persiga; e d'este modo estimulados pela dor, acordam para a verdade e para a vida; ora, a arte póde porventura desempenhar n'este caso um grande e salvador papel entre nós, pondo-nos, pela emoção, no caminho que a consciencia ha tanto nos vem apontando.

Assim venham successivamente apparecendo—ao lado dos que crêem e esperam, os que innovam e agitam! ..

No dia em que resolutamente nos decidirmos a quebrar certos moldes obsoletos e nocivos e em tudo, ou quasi tudo, ousadamente procurarmos, ou refizermos outros, n'esse dia, talvez que na peninsula a hegemonia acabe por pertencer-nos; até lá, porém, não é verdade, querida amiga, que os nossos irmãos hespanhoes sempre formam um bocadinho acima?

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Angelina Valadin



Uma das ultimas discipulas laureadas do saudoso professor de canto, Napoleão Vellani, ha mezes arrebatado ao culto da arte, e ao respeito e estima que por elle professavam discipulos, amigos e conhecidos!

Angelina Valadin, sem embargo da sua juventude, tem obtido, de cada uma das pro-

vas publicas em que se tem apresentado, a consagração unanime do auditorio que lhe festeja alem dos requisitos propios, o proveitoso ensinamento do mestre que n'ella deixou nm dos ultimos testemunhos do seu methodo.

Voz fresca e sonorissima, de sufficiente volume para que possa attingir o repertorio do soprano dramatico, com a emissão facil e natural das discipulas de Vellani, a joven cantora dispõe ainda de figura insinuante e sympathica physionomia, a que dão contorno as bellas madeixas louras do seu cabello sedoso.

Ao que parece demasiado modesta ou retrahida, poucas vezes se tem feito ouvir. E d'ahi, quem sabe? Talvez lhe pareça dever limitar aos poucos felizes que com ella convivam, a confidencia do seu canto deleitoso e suave.

COLLINE.

NOTICIARIO

Do paiz

Chegou ao Porto, terra da sua naturalidade, o distincto tenor Gaspar do Nascimento, de regresso de uma longa e frutuosa tournée de canto atravez do Brazil e mais Republicas da America do Sul.

Essa tournée começara nos fins de 1893, e desde então não voltara mais a Portugal. Gaspar do Nascimento, que se fez applaudir vivamente de quantos publicos o ouviram, tenciona em breve recommençar a sua

carreira de concertista de canto, a que particularmente se votou.

No proximo inverno vamos ter em Lisboa mais um theatro, construido expressamente no jardim do palacio Foz, á Avenida, com entrada no local em que esteve a esquadra de policia. Antes do inverno e da construcção definitiva, funcionará alli um theatriño ligeiro para o qual Augusto Pina e Machado estão já trabalhando nas decorações.

Parece que se fará ouvir n'esse coquet theatro uma orchestra zingara e outra de professores do visinho reino.

No mesmo recinto haverá restaurant montado por uma casa franceza da especialidade.

Para a proxima epocha lyrica do theatro de S. Carlos podemos desde já dar noticia das seguintes escripturas positivas:

Maestro director e regente principal, Cleofonte Campanini. Soprano ligeiro, Elena Pandolphini. Meio-soprano, Virginia Guerrini. Tenores, Guilherme Caruso e Fiorello Giraud. Barytono, José Kaschmann.

Campanini vem reoccupar o mesmo posto que exerceu nas epochas de 1888-1890, 1897-1899. Guerrini cantou com muito applauso durante a temporada de 1893-94. O tenor Giraud esteve igualmente contratado durante a epocha de 1898-99. E o barytono Kaschmann volta a S. Carlos pela sexta vez.

Damos hoje como mimo litterario um pequeno conto devido á bem aparada penna do sr. Alfredo Pinto Sacavem.

Chegou a Lisboa o nosso querido amigo e distinctissimo violinista Cecil Mackee, depois d'uma viagem ao estrangeiro, desde o fim de fevereiro ultimo. Damos-lhe cordealmente as boas vindas, esperando em breve ter ensejo de o ouvirmos.

Do estrangeiro

A Sociedade de Concertos de Madrid, que tão porfiadamente mantem no maximum do interesse a propaganda da musica na capital do paiz visinho, organisou uma serie brilhantissima de concertos durante o actual mez de Maio pela seguinte forma e com o concurso das celebridades que vamos referir:

Dias 4 e 6. Concertos de Pablo Sarasate.

No dia 6 audição de diversas obras dos maestros Breton, Chapi, Gimenez e Villa, sob a regencia dos authores.

Dia 8. Concerto de Sarasate e Weingartner.

Dias 11, 18 e 20. Concertos de Weingartner.

Dias 22, 25, 29 e 31. Concertos de Paderewski.

Todos estes concertos são de conta e iniciativa da briosa Sociedade de Concertos, sendo provavel que alem d'elles outros se effectuem promovidos pela Municipalidade ou outras corporações officiaes.

Uma sociedade artistica que trabalha com actividade—A Sociedade Philharmonica de Varsovia, realisou na época finda, desde 5 de novembro de 1901 a 5 de março de 1902, as seguintes audições: Grandes concertos symphonicos, com a concorrência de 15:200 ouvintes, oito; concertos philharmonicos, concorridos por 22:520 pessoas, quinze; concertos extraordinarios, sete, com 11:100 pessoas; trinta e seis concertos populares com 51:884 pessoas. Total das sessões sessenta e seis, concorridas por 100:704 ouvintes e com o rendimento liquida de 98:074 rublos.

A mesma sociedade continuou ainda os seus trabalhos durante os mezes de março e abril com igual actividade e brilhantismo.

Realisou dois grandes concertos de musica nacional, dirigidos pelos compositores polacos Moskowski e Maszinski; sarasus de musica tchêque, wagneriana e beethowiana em que tomaram parte celebres solistas como Sarasate, Pugno e muitos outros. Emfim, effectuou ainda outros concertos dirigidos por Nikisch, Grieg e Mascagni; apresentou a symphonia com côros, de Beethoven, desempenhada por um conjuncto de 330 executantes.

O director artistico d'esta tão notavel sociedade é o compositor polaco Emilio Mlynarski, nomeado recentemente tambem director da Opera de Varsovia.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos, vivamente pehorados, uma «fantasia romantica» para violino e piano, sobre a *Tosca*, de Puccini, arranjo do distincto, violinista e nosso bom amigo Cesar Mirés, e recentissima publicação da casa editora G. Ricordi, de Milão.

Na qualidade de notavel concertista de violino, o sr. Mires escreveu largamente, aproveitando os recursos do seu instrumento, sem se preocupar com as difficuldades naturaes d'execução. E' assim que no

decurso da sua interessantissima fantasia se succedem, sem quasi intervallo, os movimentos nas notas mais elevadas, derivando logo a seguir para phrases confiadas, exclusivamente, á quarta corda, e vice-versa.

Reiteramos o nosso agradecimento, bem como a amavel dedicatória do sr. Mirés.

*

Acaba de se publicar uma valsa de A. Mantua, sob o suggestivo titulo *Pra inglez vér!* E' muito viva e melodica, com desenvolvimento e importancia, anormaes em publicações musicas d'esta indole. Alem d'essas circumstancias ponderosas a edição, da casa Lambertini, é muito formosa, tendo no frontispicio uma gravura perfeitamente *réussie*, devida ao lapis do distincto artista portuguez Manoel Gustavo, e cremos que não precisamos insistir mais, para que se faça ideia de quanto interessante e graciosa seja.



SECÇÃO LITTERARIA

O mendigo

Ao meu amigo José Henrique dos Santos

«Si la Douleur n'est pas l'exact synonyme de l'amour. elle en est, en tout cas, le moyen et le signe.»

J. HUYSMANS

Como elle se arrastava pela estrada cheia de pó, debaixo d'um sol ardente!! Toda a natureza parecia adormecida sob os raios ardentes do sol. Os campos estendiam-se d'um lado e d'outro da estrada; as piteiras e as silvas estavam polvilhadas pelo pó fino e branco que se tinha levantado ao passar a ultima diligencia.

Muito ao longe enchergavam-se umas casitas brancas com os seus telhados vermelhos.

Espiraes de fumo levantavam-se das chaminés d'aquellas modestas habitações, que teem um laço mysterioso de ideal, d'esse ideal que derrama tanta luz incerta na vida dos pensadores.

Não ha nada que tenha mais attractivos como uma modesta casa d'aldeia, isolada, longe de tudo e de todas; em que a sua unica companhia seja a natureza!

O que é a natureza senão esse ramalhete de coisas bellas, que Deus deu ao homem! O marinheiro sente-se feliz ao contemplar o seu grandioso amigo — o mar.

O lavrador sente-se alegre quando os ver-

des agros lhe fornecem o fructo do seu trabalho!

Estamos em pleno verão; pela estrada arrasta-se um ente humano, symbolo da Dor; d'esses entes que vivem desprezados de todos, apenas amparados por essa mão mysteriosa que se chama a caridade.

Com as pernas defeituosas e cheias de chagas, qual figura de Job, ia-se arrastando legoas e legoas, mendigando hoje aqui, amanhã além.

Assim ia vivendo aquelle desgraçado os dias sem uma caricia d'um amigo, sem o beijo d'uma filha!

Desabafava as suas maguas com as lagrimas que derramava. Ouvia elle só os seus suspiros.

Quantas illusões perdidas!

Quantos sonhos apagados!

Desde pequeno não conhecia pae nem mãe, entregue desde pequeno a viver só, tinha analysado pela Dor, a humanidade.

N'esta occasião que o vemos, o seu coração está mais endurecido, mas não tanto, que não derrame lagrimas de tristeza, que são as que sulcam mais as faces, porque nascem na alma. Que seria do soffrimento se Deus não lhe dêsse lagrimas para o purificar?!

Sem lár, não conhecia os seus encantos. Só, sempre só, ia implorando a todos o pão de cada dia e, quando as sombras da noite subiam da terra ao ceu (porque do ceu só vem luz) encostava a cabeça a uma pedra ou a algum tronco d'arvore, e ali dormia tranquillamente.

O mendigo vive sem esperanças sobre a terra, o premio do seu soffrimento alcança o além tumulo, no mundo das almas. E' alli que será feliz, é alli que a sua alma se illuminará de luz diversa, cheia de conforto e amor, e quando pensar nos entes que na terra o desprezaram, não terá palavras de rancor, mas sim de compaixão e perdão.

A sua morte será tranquillia, como tranquillia é a morte dos que soffrem com paciencia. E' pela paciencia nas dores, que nós conhecemos as temperas das almas, é pelas nossas dôres que avaliamos as dores do Calvario. Morre, ninguem mais se lembra do desgraçado!

Que importa ao justo as lembranças dos vivos, se elle possui o amor divino na sua alma?

E' o que se dava no misero mendigo.

Passam-se annos; na sua campa não ha nenhum signal, apenas se levanta uma tosca cruz, onde umas agrestes plantas se enroscam.

(Do livro em preparo: *Horas do silencio*).

ALFREDO PINTO SCAVEM.